

ZONA

ZERO



CLARA ANN SIMONS

# **Zona Zero**

**Clara Ann Simons**

**Zona Zero**  
Clara Ann Simons

Copyright © 2025 Clara Ann Simons.  
Todos os Direitos Reservados.  
Registrado em 17/12/2025

Todos os direitos reservados. Nenhuma seção deste material pode ser reproduzida de nenhuma forma nem por nenhum meio sem a autorização expressa da autora. Isso inclui, mas não se limita a reimpressões, trechos, fotocópias, gravação, ou qualquer outro meio de reprodução, incluindo meios eletrônicos.

Todos os personagens, situações entre eles e acontecimentos que aparecem no livro são totalmente fictícios. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas ou acontecimentos é pura coincidência. A capa é mostrada a efeitos ilustrativos, qualquer pessoa que apareça é uma modelo e não guarda nenhuma relação com o conteúdo do livro, com sua autora, nem com nenhum dos protagonistas.

Para mais informações, ou se quiser saber sobre novas publicações, por favor contactar via correio eletrônico em [claraannsimons@gmail.com](mailto:claraannsimons@gmail.com)

# ÍNDICE

- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)
- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [Capítulo 29](#)
- [Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Epílogo](#)

# CAPÍTULO 1

## Isabel

O espectrógrafo grita. Um som agudo, como se alguém estivesse arrancando suas tripas.

Isso é um pesadelo. São três da manhã e todos os instrumentos do laboratório decidiram me fazer a vida impossível; parece que acabaram de ser possuídos por algum tipo de espírito maligno.

Desesperada, dou um tapa na carcaça, aproveitando que minha supervisora não está por perto. É um hábito que herdei do meu pai. Com nossa velha televisão costumava funcionar. O aparelho cospe um pico de dados e fica estático, como se tivesse morrido para sempre.

—Merda, porra, só isso que me faltava, a doutora Perelman vai me matar —murmuro entre dentes, totalmente certa de que acabei de quebrar a droga do aparelho.

Estou a dois segundos de mandar todo o experimento para a puta que pariu quando a porta do laboratório se abre e, como convocada por algum tipo de feitiço, a orientadora da minha tese de doutorado entra feita um desastre.

—Eu não fiz nada, juro —me apresso a esclarecer ao ver que ela parou bem na frente do espectrógrafo que fritou.

—Você está vendo isso? —pergunta, e parece estar em pleno ataque de pânico.

—Está assim faz um bom tempo —explico—. Ficou fazendo coisas estranhas e, de repente, morreu. Mas eu não fiz nada, de verdade, morreu sozinho —ressalto, erguendo as mãos.

—Antes que você pergunte por que não tem wifi: não é o roteador. É o sol —diz sem mais.

Faço uma cara de quem não está entendendo nada do que ela diz e, por sorte, ela capta a indireta.

—Esquece o maldito espectrógrafo, Isabel —grita, caminhando até a estação central e digitando a toda pressa—. Foda-se o experimento. Foda-se a porra da tese de doutorado.

—O quê? Passei dois anos trabalhando nessa tese —lembro.

Me aproximo dela. A tela grande pisca, luta para manter a imagem. Mas o que vejo gela meu sangue. Não são dados do nosso laboratório. É a rede de satélites da NOAA.

A maioria está em vermelho. Ou em preto.

—O que é isso? —pergunto com medo.

—Saturação total —murmura Perelman, sem tirar os olhos da catástrofe que se desenrola na tela—. Às 10:07, os sensores orbitais detectaram um clarão em raios X.

—De quanto estamos falando? Classe X10, X25? Quanto?

—Não... além da classe X. A escala não foi suficiente —murmura virando-se para mim. Está suando.

—Tá, um desastre... tipo Carrington? —pergunto, lembrando das aulas de história da ciência. Telégrafos pegando fogo, auroras boreais no

Caribe, esse tipo de coisa.

Perelman solta uma risada histérica, curta e seca. Acho que ela está tendo uma crise de ansiedade ou enlouqueceu.

—O Carrington é um peido de festa perto disso. É mais tipo Carrington multiplicado por cem, Isabel. Um evento Miyake —responde com um sopro, escondendo o rosto entre as mãos.

—Miyake? Como o do ano 993-994? Aquele lance do pico que detectaram nos anéis das árvores?

—No ano 993 não tinham uma rede elétrica global —ela grita, perdendo a compostura por completo—. Não dependiam de transformadores de alta tensão, nem de satélites GPS, nem de servidores bancários, nem de cadeias de suprimento digitalizadas. Nossa civilização está montada sobre um castelo de cartas eletrônico e o sol acabou de soprar muito forte.

Olho meu celular sobre a mesa. A tela acende sozinha, pisca em verde e depois apaga.

—O que isso significa? O que pode acontecer? —insisto, embora já imagine a resposta.

—Significa que vamos voltar para a Idade Média. Mas com oito bilhões de pessoas que não sabem cultivar nem caçar.

—Mas o governo já deve ter um plano a essa altura, né? Vai ser um apagão de um ou dois dias no máximo, vão vigiar as cidades até que reparem os transformadores e...

—Esses transformadores podem levar meses para serem reparados e ninguém sabe realmente com o que estamos lidando. Podemos supor, mas nunca aconteceu nos tempos modernos. Para uma civilização que depende

totalmente da eletrônica como a nossa, pode chegar a ser desastroso. A porra do fim do mundo.

Se não estivesse à beira de um ataque de ansiedade, até diria que ela está curtindo. Seremos testemunhas diretas de algo que nunca foi registrado e ela não sabe se ri ou chora. Se é que viveremos para contar.

—Devo desligar o experimento?

Ela simplesmente solta uma risada amarga.

—Já não existe nenhum experimento, Isabel. Sua tese de doutorado nunca verá a luz.

Uma explosão fora do prédio faz com que nos abaixemos. Um clarão azul elétrico, intenso como um relâmpago, ilumina as janelas do laboratório. Depois outro. E outro mais longe.

São os transformadores da subestação do campus. Estão explodindo.

Tenho que avisar minha família. Meus pais. A tela acende. Quatro barras de sinal. Tudo normal. Tudo bem.

Disca o número da minha mãe. A ligação vai direto para a caixa postal.

—Porra —murmuro entre dentes, desligando e discando de novo.

Nada. Nem sequer toca.

Tento com meu pai. Mesmo resultado. O pânico começa a ser tão grande que mal consigo discar os números.

Disco de novo.

Dessa vez, a ligação conecta. Escuto sua voz, embora soe distante, como se estivesse debaixo d'água.

—O que houve, Isabel? Você sabe que horas são?

—Pai, me escuta. Vocês têm que estar preparados. Tem uma tempestade solar, tipo nível absurdo. Nada que já tenha sido visto antes e...

Só escuto sua risada.

—Tá bom, tá bom, vidente. Você encheu a cara de energético? — ironiza sem parar de rir e eu adoraria estar aí para bater com o telefone na cabeça dele.

—Pai. Cala a boca, porra. Avisa a mãe. Isso é muito sério, não é hora para brincadeiras.

Vai dizer algo, mas a linha cai. Tento discar de novo. Nada. O sinal foi embora, nem mesmo um tom de ocupado. Olho a tela do celular. Sem sinal. A bateria marca 87%, mas o ícone de cobertura desapareceu por completo.

—O que está acontecendo? —pergunto, virando-me para a doutora Perelman.

—Nem vai servir de lanterna daqui a alguns minutos, pode jogar no lixo se quiser —diz sem mais, apontando para o celular com o queixo.

As luzes piscam. Escuto um zumbido elétrico no ar, como se todos os cabos do prédio estivessem cantando sua canção final.

E então, acontece.

Não é um apagão normal. Não é um "clique" e depois a escuridão.

É uma espécie de gemido.

O prédio inteiro parece exalar. Os sistemas de ventilação param com um suspiro pesado. As luzes fluorescentes piscam uma última vez, brilham com uma intensidade dolorosa, laranja, depois violeta, e finalmente morrem.

A escuridão é absoluta.

Mas o pior de tudo é o silêncio.

De repente, me dou conta de todos os ruídos que formavam minha vida e que já não existem. O zumbido dos computadores, o rumor do tráfego distante na rodovia que cerca o campus universitário, o latido elétrico da cidade. Tudo desapareceu.

Só resta o silêncio.

Um silêncio pesado, denso, que pressiona contra os tímpanos.

—Doutora? —sussurro.

Uma luz tênue acende. Perelman tirou um isqueiro. A chama treme em sua mão.

No corredor, alguém grita.

Os poucos estudantes que restam a essa hora no prédio caminham desorientados.

—Isabel —a voz da doutora Perelman me sobressalta—. Você tem que ir embora. Agora. Enquanto as pessoas ainda estão dormindo. Quando amanhecer e perceberem que nada funciona... o pânico vai ser pior que a radiação.

—E você?

—Eu fico. Alguém tem que registrar isso. Mesmo que seja em papel e lápis. É o maior evento astronômico da história humana. Alguém tem que...

Ela se cala, passando uma mão pelo rosto.

—Vai para casa, Isabel.

Nego com a cabeça.

—Meu carro é elétrico. Não vai ligar. E meu apartamento fica a doze quilômetros daqui. Prefiro dormir no laboratório e ver o que acontece amanhã.

No corredor escutam-se as primeiras vozes de pânico.

O estoque de comida do laboratório é patético: duas barras energéticas e um pacote de biscoitos salgados que um bolsista abandonou mês passado. Pelo menos, temos água em abundância.

Uma garota de óculos se aproxima da nossa porta. Tem mais ou menos minha idade, talvez um ano a menos. Nos pede para deixá-la entrar, mas justo quando vou abrir a porta, a doutora Perelman segura meu pulso.

—Não —diz em voz baixa—. Não sabemos o que vai acontecer lá fora. Talvez de manhã nem dê para sair. Quanto mais gente houver aqui dentro, menos recursos teremos. Menos água. Menos comida. Menos espaço. Menos tudo.

—Mas...

—Você não pode salvar todo mundo, Isabel —me interrompe—. Às vezes, a única coisa que você pode fazer é salvar a si mesma. E isso é especialmente verdade se tudo for para a porra.

Observo as lágrimas rolando pelas bochechas da garota e desvio o olhar.

—Só ela, por favor —insisto.

A professora bufa e revira os olhos, negando com a cabeça, então tomo isso como um sim e a deixo entrar.

Sentamos no chão, contra a parede. Sem falar. Observando a estante metálica que a doutora Perelman colocou na frente da porta como barreira

caso a fechadura falhe. Ela se levanta um momento e tira de uma gaveta da mesa uma garrafa de uísque meio cheia junto com três copos de plástico.

—Vocês bebem? —pergunta.

—Não costumo —respondo.

—Hoje parece um bom dia para começar —suspira, servindo um copo para cada uma.

Brindamos sem dizer nada. Não há palavras apropriadas para esse momento.

O uísque queima minha garganta, me faz tossir, mas também aquece meu peito, afastando um pouco o frio que sinto desde que tudo isso começou.

—Não vai ser tão grave assim, né, professora? —insiste a garota de óculos, mas o olhar de pânico que ela nos devolve responde sem necessidade de palavras.

# CAPÍTULO 2

## **Arizona**

Quando você passa vários anos na minha linha de trabalho, sua capacidade de surpresa se reduz ao mínimo. Ainda assim, todos os semáforos se apagam de uma vez e um monte de veículos pararem todos ao mesmo tempo, incluindo o meu, chama poderosamente minha atenção.

E aqui estou, presa numa fila de vários quilômetros de carros mortos, depois de escapar por pouco da colisão que acontece bem na minha frente quando um Honda se espatifa no guard-rail.

Mas é no instante em que os motoristas começam a sair que realmente me dou conta. Vejo em seus olhares. Pessoas que há alguns minutos pareciam tranquilas e amáveis, discutem. Outras dão chutes nas rodas ou batem no capô.

Os carros mais antigos ainda funcionam; tocam a buzina de maneira frenética como se fosse possível deixá-los passar. Faço um cálculo rápido. Várias centenas, talvez milhares de pessoas presas. Isso pode ficar feio se a polícia não chegar logo.

Se tem algo que você aprende muito rápido no meu trabalho é que, diante de uma situação de perigo potencial, a melhor opção é desaparecer, então solto o cinto de segurança, pego minha bolsa de emergências, verifico

se a Glock está carregada e caminho colina abaixo em direção à cidade. Não me surpreenderia se logo uma boa parte dessa gente perder os nervos.

Ninguém me olha. É uma antiga habilidade que devo agradecer às minhas primeiras instrutoras no Leste Europeu. Se ninguém der um jeito nisso, em apenas algumas horas, a ponte flutuante que leva a Seattle pela I-90 vai se transformar numa batalha.

Três horas depois, a entrada da cidade não está muito melhor que a rodovia. Carros abandonados por todo lado e as pessoas prestes a passar de "moderadamente incomodadas" a "quase selvagens". Com quatro horas de caminhada, escuto se partir a primeira vitrine. Um grupo de jovens assalta uma loja de eletrônicos, levando tudo que podem sem que ninguém faça nada.

Faço inventário: tenho água para um dia, várias barras energéticas, minha Glock, uma caixa de munição e a faca presa ao meu tornozelo. As probabilidades são bem boas se eu evitar multidões.

Minha primeira parada fica a uns seis quilômetros ao norte, um apartamento seguro da Corporação que deveria ter tudo necessário para uma situação de emergência. A chave é chegar antes que escureça e as coisas se compliquem. A pouca polícia que vejo já está na defensiva; não têm carros nem modo de se comunicar. Ou mandam logo o exército ou a noite vai ser dura.

A maior parte das pessoas tem essa fantasia idiota sobre situações de crise. Pensam que os vizinhos vão se reunir na rua com lanternas e compartilhar latas de sopa. Acreditam que haverá comitês de cidadãos e solidariedade. Tudo isso é uma merda. Não funciona desse jeito.

Eu estava lá quando Yangon caiu e quase não saí com vida. Em 2021, a Corporação me enviou para limpar um certo ativo. Aterrissei no

domingo à noite e, quando acordei no dia seguinte, os tanques bloqueavam as ruas. Nesse mesmo dia à tarde, começaram os saques. Quando chegou terça-feira, tudo era um autêntico caos. A cidade tinha se transformado numa zona de guerra.

Com o furacão Katrina aconteceu algo similar; perdeu-se o controle em menos de 48 horas. Se esse problema não afeta só Seattle e acontece em nível nacional, ninguém virá manter a ordem. Todas essas pessoas observando confusas as telas de seus celulares que não acendem, esperando que alguém venha logo consertar... não têm ideia do que as espera.

A próxima vitrine quebrada cabe a uma farmácia. Três homens, um deles com um taco de beisebol. Acelero o passo. Uma ambulância que ainda funciona ficou presa entre os carros. A motorista apoia a cabeça no volante. Impotência pura e dura.

Ainda estamos na fase de novidade, naquela em que sua principal preocupação é que vai estragar a comida que você tem no freezer. É a calma antes da tempestade. A cidade se transformou num gigantesco tabuleiro de xadrez, mas as jogadoras ainda não sabem que a partida já começou.

Perto de um supermercado, estoura uma briga. Acho que discutem por um carrinho cheio de água engarrafada. Três caras contra um, embora logo se juntem vários mais, nem tenho certeza se eles se conhecem. Em um par de dias, talvez menos, passaremos dos socos às armas. As consequências vão começar a não importar. O melhor será estar longe daqui quando isso acontecer.

Quase ao anoitecer, passo perto de um grupo de pessoas em situação de rua que acenderam uma fogueira num contêiner. Uma delas me cumprimenta com a mão e me dedica um sorriso sem dentes.

—É o fim do mundo, garota. Você tem cigarros?

—Já não fumo mais, desculpa —me desculpo sem parar de caminhar.

O prédio onde fica nosso apartamento seguro parece uma tumba. Tudo escuro, sem ruídos, as pessoas trancadas em suas casas. É uma área tranquila, pouco comercial, não vai entrar em caos essa noite. Avanço com cuidado, anunciando minha chegada, mas sem me expor. A última coisa que preciso é que dentro tenha outra operadora da Corporação e a gente se mate a tiros por acidente.

Assim que verifico que está tudo bem, tiro um pote de pasta de amendoim da despensa e como diretamente enquanto tento estabelecer comunicação com a Corporação. O rádio de onda curta funciona com uma bateria de manivela. Não é perfeito, mas costuma ser melhor que gritar no vazio.

Estática. Só estática. Mudo para a frequência criptografada que usávamos na Bielorrússia. Nada. É como se o mundo inteiro tivesse ficado de repente em silêncio.

E, de repente, uma ideia estúpida cruza minha cabeça.

Sorriso.

Esse caos. Se durar... se se estender. Se não houver maneira de contatar a Corporação, nem elas a mim.

Porra, tem gosto de liberdade.

Ou de uma longa caminhada até minha cabana na floresta, onde tenho tudo necessário para sobreviver.

E pela primeira vez em muitos anos, adormeço com um sorriso nos lábios.

# CAPÍTULO 3

## Isabel

Saio do laboratório com a garota de óculos, mas mal reconheço o campus universitário. Pichações, janelas quebradas. É um caos. Meu carro elétrico continua onde deixei. Estouraram o vidro, assim como os do resto dos veículos, provavelmente em busca de qualquer coisa de valor. Sei que não vai ligar, mas tento de qualquer jeito. Suponho que por puro desespero. Depois de cinco minutos sem resultados, a garota de óculos se despede de mim, dizendo que sua casa fica perto, e me deixa sozinha.

—Merda, porra —murmuro entre dentes enquanto fecho com força a porta do carro.

Decido caminhar, embora assim que entro na cidade, se forma um nó no meu estômago. Não há nem rastro da polícia. Se o campus universitário estava em mau estado, a zona comercial é um desastre.

Caminho sobre o que resta da vitrine de um supermercado. Dentro, as pessoas brigam como animais pelo pouco que resta de comida. Uma mulher passa perto de mim correndo, o rosto ensanguentado, segurando três latas de feijão como se fossem um tesouro. Nem me vê, como se eu fosse invisível.

Mantenho a cabeça baixa e caminho mais rápido.

As ruas estão abarrotadas de veículos abandonados, com as portas escancaradas e os vidros estilhaçados. Dentro de uma loja, um corpo balança inerte no final de uma corda. Tento desviar o olhar e acelero o passo. As chamas devoram o que antes era uma cafeteria, mas o silêncio é absoluto: não há sirenes, nem bombeiros, nem ambulâncias. Nada.

—Vai dar tudo certo. O governo vai recuperar o controle. Tem que acontecer. Vão mandar o exército hoje mesmo —repito para mim mesma, embora já mal acredite nisso.

Um grupo de adolescentes corre rua abaixo, riem como animais selvagens armados com tacos de beisebol.

—E aí, você! Tô falando com você! —escuto assim que viro por uma rua secundária, esperando menos caos.

Minha pele arrepia. Não me viro. Só caminho mais rápido.

—Ei, tô falando com você! —insiste.

Começo a correr.

É algo estúpido. Primeiro, porque correr só confirma que sou uma presa fácil. Segundo, porque sei que não vou chegar muito longe. Minha vida é o estudo e o laboratório, sempre me escolhiam por último na aula de educação física para qualquer tipo de atividade.

Alguém agarra minha mochila e me puxa para trás.

Dois homens. Vinte e poucos anos, talvez. Um tem a barba irregular, muito mal aparada, embora o pior sejam seus olhos. Enlouquecidos, como se tivesse acabado de usar algum tipo de droga. O outro é maior, os braços cobertos de tatuagens que chegam até o pescoço. Nenhum dos dois parece ter dormido essa noite.

—Pra onde você vai com tanta pressa, boneca? —pergunta o da barba mal feita.

—Podem ficar com a mochila. Tenho água e um notebook bom.

Tremo. Odeio tremer de medo enquanto tiro a mochila e ofereço como se fosse uma oferenda.

O cara das tatuagens tira da minha mão. Abre de um puxão. Vasculha minhas provisões, espatifando o notebook contra o chão com todo meu trabalho de pesquisa dentro dele, focando na pouca comida que carrego.

—Legal. Já têm o que queriam. Agora eu vou embora, tá? — proponho, tentando forçar um sorriso e levantando as mãos em sinal de que não quero causar nenhum problema, embora não veja como poderia fazer isso mesmo que quisesse.

—Não tem pressa —insiste o da barba, me segurando com força pelo pulso.

—Meu namorado está virando aquela esquina, vai vir a qualquer momento e ele pratica artes marciais há anos —aviso.

Minha ameaça só os faz rir.

—Uma garota sozinha com esse caos. É perigoso. Podemos te proteger... em troca de certos favores —propõe o das tatuagens, apertando meu peito esquerdo.

Afasto a mão dele com uma cotovelada, mas o tapa que ele me dá me joga contra o muro. Encosto as costas na parede, me deixando cair até ficar sentada. Chorando.

—Olha, até agora fomos muito gentis com você. Se não colaborar, pra mim tanto faz. Vamos fazer isso, pelas boas ou pelas más, e nem esse

namorado imaginário seu nem ninguém vai vir te ajudar —anuncia, abaixando as calças e esfregando sua ereção contra minha bochecha.

Tento me convencer de que isso não está acontecendo. Nem consigo gritar. Estou paralisada. Só tremo e fecho os olhos enquanto aperto os lábios e choro em silêncio, desejando que acabe rápido.

O da barba mal feita me pega pelos tornozelos e me segura contra o chão. Somente um fraco "por favor, não" sai da minha boca.

—Deixa ela em paz —ordena uma mulher a uns metros de nós.

Abro os olhos esperando encontrar uma policial, talvez alguém do exército, mas é uma garota jovem, vestida toda de preto, a sobrancelha direita cortada por uma cicatriz. Ela diz com calma, como se estivesse pedindo um café num bar.

—Vai se foder. Isso não é da sua conta. Mas se quiser ficar aí olhando, por mim não tem problema. Você pode ser a próxima —rosna o das tatuagens, virando-se levemente para ela enquanto abaixa minhas calças e a roupa íntima até os tornozelos.

—Última chance —insiste.

O cara das tatuagens faz um sinal para o outro, que se levanta e fica quase grudado nela, pretendendo intimidá-la. Ela só revira os olhos durante um brevíssimo instante e acerta o cotovelo na garganta do agressor. O da barba faz um som estranho, como se tivesse ficado sem ar, e cai no chão sem se mexer.

—Vadia do caralho, juro que você vai pagar por isso —late o das tatuagens, me deixando jogada no chão, praticamente nua da cintura para baixo.

Ele se levanta, fecha os punhos, mas antes que possa perceber, o joelho da mulher atinge suas costelas e, em seguida, ela pega a cabeça dele e o mesmo joelho acerta agora seu rosto. O homem cai no chão ensanguentado, cuspidos alguns dentes, enquanto rosna frases que não consigo compreender.

O que mais me impressiona é sua expressão de frieza. Não há raiva. Nem medo. Nem emoção alguma.

—Você está bem? Deveria se vestir —murmura, apontando com o queixo ao ver que tanto calças quanto roupa íntima continuam na altura dos meus tornozelos.

Me visto com torpeza. O homem das tatuagens se arrasta pelo beco, tentando se afastar de nós, ou melhor, dela, e deixando para trás seu amigo, que continua jogado no chão sem se mexer.

—Ele está...? Ele está bem? —pergunto com medo, apontando para o corpo.

A mulher só dá de ombros e começa a caminhar, como se não ligasse nem um pouco se ele está vivo ou morto.

—Espera, por favor! Só um momento —grito.

Ela para e me observa com desconfiança, como se não estivesse acostumada a que ninguém se aproxime dela.

—Muito obrigada por me ajudar. Sou Isabel —anuncio, estendendo a mão para ela.

—Arizona —murmura, mas mantém ambas as mãos nas alças da mochila.

—Arizona —repito, tentando ordenar minhas palavras—. Olha, sei que você não me conhece de jeito nenhum, mas posso...? Posso ficar com

você? Só um tempo. Até conseguir me acalmar um pouco. Porra, é que isso foi demais —confesso, ainda tremendo da cabeça aos pés.

Ela me observa sem dizer nada. É impossível ler sua expressão. Em seguida, assente.

—Tenho um apartamento. A uns quarteirões daqui. Vamos.

Ela se vira e se afasta. Nem verifica se a sigo.

Mas eu sigo.

# CAPÍTULO 4

## Arizona

Ao abrir a porta do apartamento seguro da Corporação, me dou conta do que Isabel pode estar pensando.

As paredes nuas, a única cadeira perto da janela. Sem fotografias, sem livros, sem nada pessoal. Sem alma. Somente um lugar onde dormir entre trabalhos ou para se esconder durante alguns dias numa área da cidade onde ninguém pergunta. Ela fica parada na soleira da porta, como se tivesse acabado de entrar no lugar errado.

—Pode entrar —anuncio, me aproximando da janela para verificar a rua—. Tranca a porta.

—Você mora aqui? —pergunta de repente.

Dou de ombros e fecho a cortina. Não respondo.

—Parece quase um quarto de motel ou algo assim. Não tem nada... pessoal. Nem fotos, nem...

—Não gosto de colecionar coisas pessoais.

—Mas onde estão suas...? —ela para, provavelmente se dando conta de que não sabe bem o que perguntar.

Onde estão minhas coisas? Minha vida? Minha prova de que sou humana? Não tenho boas respostas para nada disso.

—Tem água na geladeira se quiser beber. Provavelmente já não está gelada. Também pasta de amendoim. Tenho barras de proteína no armário. Devemos comer enquanto pudermos —lembro.

—Posso perguntar no que você trabalha? —insiste.

—Limpo —respondo, abrindo uma garrafa de água.

—Você limpa?

—Foi isso que eu disse.

—Tá —murmura, desenroscando a tampa da garrafa bem devagar e bebendo um pequeno gole—. Vejo que você é uma mulher de poucas palavras. Pensei que você fosse militar ou policial. Sabe, pelo jeito que você lutou com aqueles caras.

—Não, não costumo falar muito —respondo sem mais—. As palavras raramente resolvem os problemas.

—O que resolve?

—Não confiar que outro arrume as coisas por você.

—Obrigada de novo —diz em voz baixa—. Pelo que você fez antes. E por me deixar vir com você. Não sei o que teria acontecido se...

—Não pensa nisso —me movo de novo perto da janela, puxo a cortina só o suficiente para ver a rua. A fumaça sobe em três direções diferentes. Pessoas correndo. O som de vidros quebrando.

—É só uma tempestade solar —solta de repente, ao ver que não paro de olhar para a rua.

—O quê?

—A energia foi embora porque uma tempestade solar criou um pulso eletromagnético. A essa altura, o governo deve estar fazendo tudo o

possível com as companhias elétricas para resolver. Teremos luz em algumas horas —explica.

—E você acredita nisso?

—Eu... —faz uma pausa, como buscando as palavras certas—. Acredito na ciência. As tempestades solares são algo que acontece. Normalmente não são grande coisa e...

—Essa parece grande coisa, nada está funcionando —interrompo—. Não confio muito no governo. Na verdade, em ninguém que esteja no poder.

Isabel levanta as sobrancelhas, surpresa.

—Então você é uma dessas preparacionistas? Meu tio também. Tem todo tipo de coisa acumulada para sobreviver se chegar o fim do mundo. Olha, é algo temporário. Um desastre natural, mas o governo vai mandar o exército, vai acabar com o caos das ruas, vai consertar a rede elétrica. Não vão demorar muito, você vai ver —acrescenta, embora soe como se tentasse se convencer mais do que a mim.

—É mesmo?

Agora ela fica em silêncio mais tempo, torcendo a tampa de plástico da garrafa várias vezes.

—Pode ser que não seja rápido —admite com um suspiro—. Sou estudante de doutorado em física. Fenômenos eletromagnéticos. A professora que orientava minha tese de doutorado estava convencida de que poderia ser um evento Miyake.

—Não fala grego comigo, por favor.

—É um tipo de evento extremo. Muito mais poderoso que as tempestades solares típicas. Ninguém sabe na verdade quanto, porque o

último confirmado foi no ano 993 e naquela época não dependiam da eletrônica para nada. Bom, não existia, claro, além de...

Agora sim chamou minha atenção. Caminho devagar até a poltrona e me sento perto dela.

—E se fosse um desses? O que aconteceria?

—Como te digo, ninguém sabe com certeza, mas não seria nada bom. O pulso eletromagnético danificaria os transformadores de um modo permanente, subestações, quase qualquer coisa com um circuito eletrônico. A sobretensão se propagaria por toda a rede elétrica e, basicamente, tudo iria para a porra porque nossa civilização depende completamente desse tipo de coisa —confessa, baixando o olhar ao perceber que talvez estejamos pior do que ela pensava.

—Quanto tempo para consertar?

—Meses. Talvez anos. Talvez nunca, dependendo da extensão do estrago. Poderia danificar o planeta inteiro. Quanto mais uma área depender da tecnologia, muito pior —confessa, cravando o olhar em mim—. Mas esse seria o pior cenário possível. O normal é que voltemos ao normal em alguns dias.

—Talvez seja assim, mas o ideal é sempre se preparar para o pior —lembro.

—Então, o que fazemos? —pergunta, abraçando os joelhos e soltando uma grande quantidade de ar.

Olho para ela e quase fico com pena. Acho que ela acabou de perceber de repente a gravidade da situação. Pensou que o governo a salvaria e aqui está, sentada no apartamento vazio de uma estranha porque não tem nenhum outro lugar para ir.

—Saímos da cidade —rosno—. Antes que isso fique pior. Porque vai ficar pior.

Vejo ela processar o que eu disse. Não entende ainda. Não compreende o quão rápido uma cidade entra em colapso quando os sistemas que a mantêm em ordem param.

—Em situações como essa, o caos não demora muito para se formar. Primeiro são saques: pessoas levando televisores e tênis de marca. Em seguida, se luta por qualquer coisa que você precise para sobreviver: comida, água, remédio, armas. Por último, é uma luta territorial. De poder. Formam-se grupos. Reivindicam recursos, reivindicam território, reivindicam gente.

—Gente?

—Mulheres especialmente —explico, ela precisa ouvir isso sem que eu suavize, deve conhecer o perigo—. Você viu o que aqueles homens queriam de você, né? Isso é só o começo. Dê outras quarenta e oito horas, talvez menos, e isso será uma zona sem lei.

—Vão mandar o exército —se apressa a esclarecer.

—Talvez —admito enquanto verifico o conteúdo da mochila de emergência do apartamento seguro. Faca. Corda. Pastilhas purificadoras de água. Isqueiro. Kit de primeiros socorros. Tudo que preciso para desaparecer—. Ou talvez estarão ocupados demais protegendo suas próprias famílias. Ou talvez alguns deles assumam o controle de pequenos grupos de saqueadores, já que estão bem armados. Quem sabe? O melhor é chegar numa área pouco povoada. Algum lugar remoto. Deixar que as cidades queimem enquanto você está a salvo.

Ela me olha horrorizada, hiperventilando.

—Você tem um plano? Um lugar para ir?

—Tenho uma cabana com o básico. Bem abastecida. Defensável.

—Preciso encontrar minha família. Meus pais. Eles têm uma padaria na zona norte. Se eu conseguisse chegar lá, ter certeza de que estão bem...

—Isso não é muito inteligente —aviso.

—São meus pais —insiste, elevando a voz.

Deveria dizer que qualquer desvio nessas circunstâncias te coloca em perigo. Que quando chegarmos, a família dela provavelmente já não estará lá. Terá ido embora ou estará morta. Deveria dizer muitas coisas, principalmente, que ela é livre para ir sozinha se quiser. Em vez disso, respiro fundo e passo as mãos pelo cabelo.

—Partimos ao amanhecer, com a primeira luz do dia —aviso—. Te deixo lá e vou embora. Não espero.

—Obrigada —suspira aliviada—. Sei que você não precisa...

—Não, não preciso —murmuro, cravando o olhar nela—. E preciso que você entenda bem a situação. Tomara que o exército chegue amanhã mesmo, como você diz. Mas cada dia que passa, as chances diminuem. As pessoas vão fugir, lutar, morrer. Você não quer estar numa cidade quando isso acontecer. E seus pais podem não estar lá. Podem estar... Você precisa estar preparada para isso.

A noite traz o caos. Fogo, gritos, algum tiro.

—Está piorando. Tenta dormir —proponho, apontando com o queixo para o quarto.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Zona Zero"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).